

UMA BREVE TRAJETÓRIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Renata da Silva de Barcellos
(CEJLL/NAVE, UNICARIOCA, UFF)
osbarcellos@ig.com.br

1. *Fundamentos teóricos – metodológicos*

Para apresentar a linha teórica adotada na minha prática pedagógica, inicialmente, cabe apresentar as instituições tecnológicas onde leciono: Colégio Estadual José Leite Lopes/NAVE³⁶ e a UNICARIOCA. No Rio de Janeiro, esta faculdade é pioneira no uso da tecnologia como recurso tecnológico. As salas de aulas são equipadas com computador, data show, caixas de som, quadro branco, internet para acessar o ambiente MOODLE³⁷ – intitulado 28 horas – <http://www.unicarioca.com.br> – cujo objetivo é postar material, propor fóruns, realizar a AV2 on-line, enviar mensagens, dentre outras questões. Já aquele, o CEJLL/NAVE, é uma parceria do setor público, Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, com o setor privado, a OI Futuro. A proposta da escola é um ensino integral (funciona das 7:00 às 17:00) e integrado (os alunos saem habilitados em um destes cursos técnicos: “Mídias”, “Programação de jogos” e “Roteiro digital”). A filosofia é de um ensino interdimensional – teoria do professor Antonio Carlos – cuja definição é

a proposta pedagógica que procura articular os fins e os meios da ação educativa, visando tornar real essa expectativa com base numa visão do homem, do mundo e do conhecimento consistente com as exigências dos novos tempos. http://www.modusfaciendi.com.br/midia_entrevista.htm.

A proposta desta instituição é ser um centro disseminador de novas práticas pedagógicas. Para isso, os educadores fazem parte de linhas de pesquisa, dentre elas: “Ensino médio integrado e educador-orientador”.

Na área de língua portuguesa, desenvolvo um trabalho no 3º ano do ensino médio do CEJLL e, na UNICARIOCA, ministro disciplinas como *Comunicação e Expressão*, *Didática da Língua Materna e Oficina*,

³⁶ Sigla de “Núcleo Avançado em Educação” – NAVE.

³⁷ Sigla de “*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*” – MOODLE, que pode ser traduzido como “Ambiente de aprendizagem dinâmica orientada a objeto modular”.

cuja concepção de linguagem é a de uma forma de interação. Isso significa que mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é entendida como um lugar de interação humana (GERALDI, 1984). Como "uma ação orientada para uma finalidade específica (...) que se realiza nas práticas sociais existentes, nos diferentes grupos sociais, nos distintos momentos da história" (BRASIL, 1998, p. 20).

Atualmente, mais do que nunca, com os nossos educandos *nativos digitais* (a expressão foi criada por Prensky e adotada por Palfrey e Gasser no livro *Nascidos na Era Digital*, dentre outros autores. Ela se refere àqueles nascidos após 1980 e que têm habilidade para usar as tecnologias digitais), precisamos rever nossa metodologia. Devido a essa característica do educando do mundo contemporâneo, há exigências que demandam uma metodologia na qual o uso das diversas tecnologias colaborem para uma efetiva construção do conhecimento e, por consequência, conscientizem e estimulem a utilização de tecnologia inovadora. Aquela aula apenas expositiva com o único recurso tecnológico "mais inovador" – o livro didático – já não atrai mais nossos alunos, independente do nível: fundamental, médio e superior. A nós, urge pensarmos em como propor aulas. Para isso, cada vez mais, tornando nossa sala de aula um laboratório. Devemos testar várias possibilidades. Como diz a diretora do CEJLL/NAVE, "não devemos ter medo de ousar". Mas, antes de experimentarmos atividades diferenciadas, é necessário termos uma linha teórica a ser seguida. No caso do ensino da língua materna: a concepção de linguagem, a definição de língua, a construção de conhecimento e a função da escola.

Sendo assim, partimos do preceito de que uma língua é "um conjunto de regras que acionamos conforme as circunstâncias" (POSSENTI, 1998, p. 80); e de que a primeira tarefa da escola é "aumentar o domínio de recursos linguísticos por parte do aluno. Isso se faz expondo o aluno consistentemente a formas linguísticas que ele não conhece, mas deve conhecer para ser um usuário competente" (*Ibidem*, p. 88). A partir desse posicionamento teórico, apresentaremos nossa metodologia – algumas propostas de atividades realizadas e cujo resultado foi positivo.

2. Breve trajetória do ensino de língua portuguesa no Brasil

Segundo Soares (2002, p. 157), no Brasil colonial, a língua portuguesa não era um dos componentes curricular. A língua geral era o tupi.

Durante as missões jesuíticas, em 1595, José de Anchieta escreveu *Arte da Gramática*. Nesse cenário, os jesuítas catequizavam o índio em língua portuguesa.

1757: no decreto intitulado *Diretório dos Índios*, o marques de Pombal iniciou um processo de expulsão dos jesuítas do Brasil. O ensino da língua portuguesa era ministrado a partir de compêndios gramaticais normativos. O objetivo era o uso do idioma: ler, escrever e conhecer sua gramática.

1930: ensino de algumas disciplinas

1938: *Gramática Histórica* de Ismael Coutinho

1939: ensino da língua materna na universidade

Até década de 40, progressiva perda do valor do ensino do latim. A gramática e o texto eram duas matérias independentes.

A partir da década de 50, fusão da gramática e do texto.

1952: ideias de Matoso Câmara

Por volta da década de 1950, a língua portuguesa ainda era estudada nos próprios manuais de gramática. Mas começaram a surgir transformações. Segundo Bezerra, “por pressão das classes populares, a escola passa a receber alunos de outras camadas sociais, com práticas de letramento diferentes (ou nulas) daquelas conhecidas e reforçadas por essa instituição” (2003, p. 42). Já como afirma Geraldí, “o ensino da língua deixaria de ser de reconhecimento e reprodução, passando a um ensino de conhecimento e produção” (2008, p. 28).

1959: surgimento da NGB

1963: implantação da linguística nos cursos de letras

Até os anos 1970, havia dois momentos: o primeiro, até a alfabetização, ao aprender o sistema de escrita. O segundo, a partir do domínio básico dessa habilidade, são produzidos textos, de acordo com as normas gramaticais, e ler clássicos. Nesse período, as antologias dão lugar ao livro didático. Cabe ressaltar também que a redação é incluída nos concursos e vestibulares a fim de sanar a crise na educação.

Na década de 70, a linguagem deixou de ser considerada *expressão do pensamento* para ser *instrumento de comunicação*. Houve a valorização da modalidade oral, cujo objetivo era promover a capacidade de

comunicação. Todos os gêneros e modalidades textuais tornaram-se importantes instrumentos de transmissão de mensagens. Para isso, o aluno deveria aprender as características de cada um deles para reproduzi-los na escrita e/ou oralidade e também para identificá-los nos textos lidos.

Na década de 80, segundo Silveira (1991), o ensino de língua materna foi repensado por ideias provenientes principalmente das instituições universitárias (de acordo com Possenti, Geraldi, Travaglia, Ilari etc.) e veiculadas em alguns livros básicos e formação continuada de professores. Nessa década, surgem a sociolinguística e a gramática.

Já, na década de 90, houve uma evolução. Surgiram os PCN, o ENEM, o PROVÃO, com a finalidade de avaliar o aproveitamento dos alunos.

Na atualidade, o que se almeja é o aluno desenvolver a capacidade de ler e escrever textos diversos. Hoje, pretende-se um ensino produtivo. De acordo com os PCN, a proposta é a valorização da participação crítica do aluno. O ensino deve contemplar três etapas: leitura, uso da língua e produção textual.

Já, no que diz respeito aos pressupostos teóricos, o ensino pode ser realizado sob três óticas: prescritivo, descritivo e produtivo.

- **Prescritivo:** leva o aluno a substituir seus próprios padrões linguísticos por aqueles considerados corretos, socialmente aceitáveis; Estabelece regras de bom uso da norma culta. Voltado para a língua escrita, para a tradição literária.
- **Descritivo:** pretende observar como a língua funciona. Não objetiva interferir no comportamento do falante. Não ideia de correção. Todas as normas de uso da língua são adequadas a determinados contextos.
- **Produtivo:** ensina novas habilidades linguísticas. Almeja-se que o aluno se aproprie da língua de forma adequada, valorize e respeite as variantes linguísticas.

A seguir, apresentaremos práticas interativas de uso da língua.

3. Prática pedagógica: uma sugestão

Conforme Marc Prensky, o mundo é dividido em nativos e os imigrantes digitais. Os nativos já nasceram cercados pelo uso das novas tec-

nologias de informação e comunicação (TIC); os imigrantes são os oriundos de um período anterior ou no início do surgimento das novas tecnologias. A maioria está se alfabetizando – como é o meu caso – inserindo os novos recursos no cotidiano da vida profissional e pessoal.

O cérebro dos “nativos” se desenvolveu de forma diferente em relação às gerações pré-internet. Eles gostam de jogos, estão acostumados a absorver (e descartar) grande quantidade de informações, a fazer atividades em paralelo, precisam de motivação e recompensas frequentes, gostam de trabalhar em rede e de forma não linear (TORI, 2010, p. 218).

Como, hoje, os educandos utilizam as novas mídias: blogs, redes sociais, youtube, nós, professores, devemos enfrentar este desafio: nos tornarmos imigrantes digitais. Dessa forma, não só nos apropriarmos desses recursos, como também utilizá-los de forma significativa no processo da construção do conhecimento de um aspecto semântico-morfossintático, a fim de contemplar os diferentes conteúdos a serem trabalhados. Isso porque “começam a se fazer cada vez mais presentes nos ambientes acadêmicos e políticos, sobretudo quando está em pauta a discussão sobre a necessidade de renovação dos processos educacionais” (SOUZA & GOMES, 2009, p. 36).

Apresentaremos a seguir algumas propostas realizadas:

Para trabalhar o gênero textual autobiografia, em 2010, expliquei a estrutura, exemplifiquei e propus que os alunos elaborassem a sua no Twitter – com apenas os 140 caracteres. Inicialmente, eles reclamaram, alegaram que seria IMPOSSÍVEL, mas, depois, se surpreenderam com seu poder de síntese. Afinal, vale lembrar que são permitidos até 140 caracteres. Depois, repeti a experiência em 2011, através do facebook, rede social mais utilizada desde a época, mantendo o número de caracteres. Eis alguns exemplos:

- 1- Sou uma receita. Uma pitada de sarcasmo, rancor e uma porção de arrependimento. Mexa bem e tire a tampa. “Voilà”, um prato de vida não vivida. Patrícia O.
- 2- Futebol, samba, amigos, música, conversa. Extrovertido sem querer aparecer. Tímido sem querer se isolar. Eu mesmo sem ser o mesmo. Raphael G.
- 3- Companhia me agrada, a música me leva. Afundo em pensamentos e voço no imaginário. Ciúme do que é meu. Muito ciúme. Sou apaixonada em período integral. Amo tudo que me faz feliz. Rebeca C.
- 4- Uma sonhadora sem limites, de imaginação fértil e mente aberta. Sou um poço de qualidades e defeitos. O obvio não me convém e o estranho me agrada. Marcelly L.

Ano passado, 2012, no 1º bimestre, um dos conteúdos era o gênero textual manifesto. Apresentei a sua estrutura e vários exemplos (Manifesto Marxista, Pau-Brasil etc.). Os alunos elaboraram um em grupo em forma de poema, música...; e, na prova de redação do bimestre, propus que elaborassem o seu, cujo tema foi: *Manifesto, logo existo*. Foi um trabalho integrado, uma vez que os educadores de sociologia e filosofia também trabalharam a temática na sua respectiva disciplina. A correção foi realizada pelos três educadores. Cada um utilizou uma cor de caneta a fim de tecer os comentários pertinentes do seu conteúdo. Este ano, 2013, para trabalhar o mesmo gênero, ousei mais: pedi para que, além dessas atividades, criassem um no MODLE institucional <http://nave-ro.vacavitoria.com>, com os 140 caracteres do Twitter e, novamente, o resultado foi positivo:

- 1- A hora da libertação chegou! A ditadura irá se esvaír. O momento é nosso! Para a rua, já! A África de Mubarak, Qaddafi irá acabar! Thiago T.
- 2- É preciso força de vontade! Para vencermos, na vida não podemos ter moleza e preguiça. Preparemo-nos para o amanhã vitorioso! Lutemos pelo nosso futuro! Julien B.
- 3- Não acredite na ilusão de que devemos consumir para sermos felizes. Não seja manipulado! Não é o excesso de bens que mudará nossas vidas. Sorria mais e consuma menos! Catarina M.

Este ano, no início do 2º bimestre, a equipe de ensino de língua materna realizou a Semana da Língua Portuguesa. A proposta é abordar questões relacionadas à leitura, à escrita e à produção textual de forma criativa, prazerosa e construtiva, a partir do uso das novas tecnologias disponíveis no Colégio José Leite Lopes/NAVE. O objetivo foi promover o conhecimento da língua portuguesa ao abordar temas diversos: leitura e escrita, a fim de despertar nos educando o interesse por esta área do saber. As atividades desenvolvidas foram: Assistir ao documentário: *Língua Vidas* (em português) – Duração: 1h45; oficinas:

- 1- *HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA* – Prof. EDSON – A oficina tem por objetivo apresentar um breve percurso pela história da formação do nosso idioma.
- 2- *RODA DE LEITURA* – Prof. Priscila Daniello – A oficina objetiva estimular o hábito da leitura e incentivar o uso da biblioteca.
- 3- *NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO* – Prof. Renata Barcellos – A oficina pretende apresentar um breve histórico acerca dos acordos anteriores e refletir sobre as novas regras propostas.

- 4- *A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MERCADO DE TRABALHO ATUALMENTE* – Profs. Lídia e Renata – No *Dia Profissional* (8 de maio), a oficina será proposta a fim de conscientizar os formandos da importância da adequação da linguagem verbal e não verbal no processo seletivo.
- 5- *DIÁLOGOS PECULIARES ENTRE A ÁFRICA E O BRASIL* – Prof. Lídia Oliveira. A oficina tem por objetivo apresentar a influência das línguas africanas no processo de formação da língua portuguesa (oral e escrita) do Brasil.
- 6- *A INTERTEXTUALIDADE COMO ESTRATÉGIA CRIATIVA: UMA LEITURA DE TEXTOS PUBLICITÁRIOS* – Prof. Edson – Renata Barcellos – Objetivo: Refletir a respeito da intertextualidade como um dos recursos expressivos em textos midiáticos.

E atividades na biblioteca a fim de incentivar seu uso. Devido ao número de alunos, organizamos as seguintes atividades assim:

Navegando pelo universo literário: Objetivos: incentivar o uso deste ambiente; estimular a leitura de obras diversas; verificar o nível de conhecimento dos alunos. Descrição da atividade: – Nos intervalos e/ou tempos vagos, os alunos devem ir à biblioteca a fim de descobrir qual é a obra do fragmento selecionado. Os educandos mais participativos e com maior número de “descobertas” ganharão um prêmio (passeio cultural). Observação. Primeira série – terça-feira – 7 de maio; segunda série – quarta-feira – 8 de maio; terceira série – quinta-feira – 9 de maio

NAVESTAK

Objetivo: Verificar qual frase da obra lida – durante o bimestre – o educando destaca como sendo a mais importante para ele; justificar a escolha de uma determinada frase; Descrição da atividade: disponível no site do evento: <http://semanalp.wix.com/nave#>. O aluno realizar a seguinte atividade: – escolher uma frase da obra lida em cada série:

1ª série: *Romeu e Julieta* – Shakespeare

2ª série: *Amor de perdição* – Camilo Castelo Branco

3ª série: *Fome negra* – João do Rio

Critério: justificar sua escolha – no máximo com 140 caracteres. Veja-mos aos exemplos:

- 1- *Fome Negra* – João do Rio “[...] Quanto ao trabalho, estão convencidos que neste país não há melhor. Vieram para ganhar dinheiro, é preciso ou morrer ou fazer fortuna. [...]” Escolhi esse trecho, pois retrata a realidade dos trabalhadores do manganês que apesar da miséria sofrida ainda têm esperança de fazer fortuna. Dandara S.
- 2- É uma espécie de gente essa que serve às descargas do carvão e do minério e povoa as ilhas industriais da baía, seres embrutecidos, apanhados a dedo, incapazes de ter ideias *Fome Negra* – João do Rio. Uma frase forte e interessante, pois dá uma ideia de coisificação do homem, como se não houvesse chance dele se rebelar, um homem limitado. Mostra também um homem embrutecido que trabalha confinado como num campo de concentração. Tâmara C.
- 3- Amava, e tinha ciúmes de Teresa, não ciúmes que se refrigeram na expansão ou no despeito, mas infernos surdos, que não rompiam em lavareda os lábios, porque os olhos se abriam pronto em lágrimas para apagá-la. – Camilo Castelo Branco Escolhi este trecho que se refere à Mariana, que amava Simão Botelho. A personagem expressa o sentimento de uma forma exagerada nas cartas que escrevia para Simão e isso era característico da segunda geração do Romantismo. Uma personagem marcante, amorosa e sensível. Pela ter essas características, me identifiquei com a mesma e escolhi um trecho referente a ela. Adalgiza S.
- 4- Se o amor é cego, não pode acertar o alvo. – Mercúcio A minha justificativa é que, quando uma pessoa está amando, não consegue olhar para os defeitos da amada e por causa disso pode ter consequências. Pedro S.

Ao propor esta atividade, segundo MORAN, a internet “é uma mídia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece” (2000, p. 53). Pela participação e entusiasmo dos alunos de toda a escola, parece que atingimos nossos objetivos.

Este ano no CEJLL/NAVE, estamos experimentando o MOODLE <http://nave-rio.vacavitoria.com>. Nele, já realizamos no 1º bimestre um trabalho integrado com química. A educanda abriu uma pasta intitulada *Questões de Química*. A proposta era os alunos criarem questões a partir do conteúdo trabalhado. Eu, enquanto professora de língua materna, analisava a organização das informações; enquanto a de química, a abordagem do conteúdo. Este segundo bimestre, o projeto é sobre drogas. Para isso, também com uso desta ferramenta, propomos que eles enviassem o roteiro do trabalho a ser elaborado sobre essa temática. Paralelo a isso, houve propostas de redação: a prova bimestral cujo tema foi: “Drogas & sexo. Na década de 80, o lema era *Drogas, sexo e rock and roll*; hoje, qual é o atual? Como a juventude lida com essas questões?”

Também estou propondo microapresentações para analisar e aprimorar a expressão oral. Esta porque, de acordo com Marcuschi, é imprescindível trabalhar a expressão oral também. Afinal, a fala é “uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas” (1997, p. 39). Como a instituição pretende formar cidadãos autônomos, além da habilitação em um dos três cursos técnicos, é nossa função criar situações em que os alunos possam desenvolver essa habilidade. Em projetos integrados com outras disciplinas também verificamos a expressão não só oral como também postural. Um dos realizados foi o NAVE +20, em que os alunos defendiam ou não a construção da Usina de Belo Monte.

...cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações (PCN, 1998, p. 25).

Por fim cabe ressaltar que, nas duas instituições, o educador é orientado a utilizar os recursos tecnológicos. Principalmente, o institucional. Isso é positivo? Sim, aguça-nos a curiosidade de navegarmos em mares nunca dantes ou poucos navegados. Entretanto, há um ponto negativo, como tudo, a dificuldade com a conexão, o tempo dedicado à elaboração e à análise das propostas. Devido a isso, urge não só repensarmos nossa prática, como também a disponibilidade de tempo para que o educador atualize-se lendo novas teorias, analise questões de provas atuais e navegue nas redes sociais para corrigir atividades propostas. Assim, o uso de recursos midiáticos e da tecnologia permite-nos ampliar o conceito de aula e de sala de aula.

4. Considerações finais

A partir de uma breve reflexão sobre o ensino da língua materna e de minha experiência em 2008 com a tecnologia na prática pedagógica, tenho me tornado uma imigrante digital e procurado desenvolver, cada vez mais, atividades utilizando as diversas ferramentas: blog, youtube, redes sociais, MOODLE... Tenho comprovado não só como o ensino deve ser desenvolvido dentro da concepção da interação – de ser produtivo – fazer sentido para o aluno os conteúdos a serem trabalhados; como também os apontamentos de Moran a respeito do uso dos recursos tecnológicos “alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo”

(2000, p. 17-18). Por isso, o resultado nas avaliações externas têm ratificado isso. Quanto ao CEJLL/NAVE, nas provas como o SAERJ, UERJ e ENEM, a instituição tem se destacado com os melhores resultados da Rede Estadual de Ensino. Em relação à UNICARIOCA, a avaliação AV2 é institucional e on-line pelo MOODLE. No final do período, a prova é aplicada contemplando a ementa do curso. Os educandos têm apresentado desempenho satisfatório. Aqueles que pleiteiam vaga em concurso público também apresentam um bom resultado.

Hoje, verifico como faz-se necessário enquanto educadores nos mantermos conectados ao mundo e, essencialmente, ao tecnológico. Precisamos navegar pelas redes sociais hoje na “moda”, a fim de percebermos aquilo que está despertando a atenção dos educandos. Esses precisam ser expostos a atividades em que “requer a condição de sujeito participativo, envolvido, motivado, na posição ativa de desconstrução e reconstrução de conhecimento e informação, jamais passiva, consumista, submissa.” (DEMO, 2008). Ao utilizarmos os diversos recursos tecnológicos na construção dos diversos conteúdos, desenvolvemos a criatividade e diversas habilidades.

Faz-se necessário dizer que não basta utilizar a tecnologia e a dinâmica da aula permanecer a mesma. A metodologia deve ser repensada para abordarmos os diversos conteúdos das disciplinas.

Ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial (MORAN, 2000, p. 63).

Por fim, os grandes desafios da contemporaneidade são: tornar-se imigrante digital e

apossar-se das tecnologias como um auxílio ao ensino, para dar aulas cada vez mais bem ilustradas por apresentações multimídias, ou para mudar de paradigma e concentrar-se na criação, na gestão, na regulação de situações de aprendizagem. (PERRENOUD, 2000, p. 139).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. ed. Trad.: M. Lahud e Y.W. Pereira. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad.: M. M. E. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico metodológicos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*, nº 9394/96. Brasília: 1996.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad.: Anna Raquel Machado. São Paulo: EDUC, 1999.

CARDOSO, Silvia Helena. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.

DEMO, Pedro. *TICs e educação*, 2008. Disponível em:
<http://www.pedrodemo.sites.uol.com.br>

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MORAN, José Manuel *et alii*. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

PALFREY, John; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PERRENOU, P. *Dez novas competências para ensinar* Porto Alegre: Artmed, 2000.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras/ABL, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Trad.: A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; GOMES, Maria Lúcia Moreira. *Educação e ciberespaço*. Brasília: Usina de Letras, 2009.

TARDELLI, Marlete Carboni. *O ensino de língua materna: interações em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2002.

TORI, Romero. *Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distância em ensino e aprendizagem*. São Paulo: SENAC-SP, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.